

RESUMOS DAS ATIVIDADES DO COLÓQUIO

Dia 28 de março (segunda-feira)

Sessão 1 – Tema: Presença da língua portuguesa no mundo contemporâneo

ANÍBAL PINTO DE CASTRO (Univ. de Coimbra)

A língua portuguesa no mundo contemporâneo

Partindo da situação actual da Língua Portuguesa, como idioma de comunicação e de criação estética e património comum a todos os Países Lusófonos, o autor enuncia os vários problemas que o seu uso, a sua ilustração e a sua defesa levantam e aborda as soluções mais adequadas à garantia do seu futuro como expressão dos diversificados valores culturais característicos de cada um desses Países e de quanto, nessa diversidade, lhes é comum.

Nessa perspectiva, considera questões relativas à história da língua, ao seu ensino, ao seu confronto com outras línguas no contexto da globalização e na competição que decorre do actual predomínio dos meios de comunicação audio-visual, à importância de uma adequada e sensata uniformidade gráfica, que tenha em conta a história da fonética e das descrições sincrónicas do sistema actual, ao relevante papel da criação literária em todos os Países dessa comunidade, mas sobretudo nos de expressão oficial portuguesa situados no Continente Africano, e sem esquecer o seu lugar nos grandes espaços onde vivem e trabalham as grandes colónias de falantes do português, tanto na Europa como na América.

Finalmente sublinhará a urgente necessidade de uma verdadeira política da língua que vise a definição e aplicação de meios concretos de actuação concertada por parte dos Países Lusófonos.

Sessão 2 – Temas: Políticas para a Língua

DR. ANTÔNIO GOMES DA COSTA (LLP)

Dia 29 de março (terça-feira)

Sessão 3 – Temas: Lingüística Portuguesa

CARLOS EDUARDO FALCÃO UCHÔA (LLP / UFF)

A Lingüística e o ensino da língua portuguesa no Brasil: uma visão crítica

Depois de sua institucionalização como disciplina académica, a Lingüística ganhou um real interesse em nosso meio universitário. Nos dias atuais, o

desenvolvimento dos estudos lingüísticos no Brasil se apresenta como incontestável, com base em fatos objetivos. Mas o ensino da Língua Portuguesa mostra-se, em geral, insatisfatório, improdutivo. Assiste-se, pois, ainda hoje, a um claro descompasso entre o desenvolvimento das pesquisas acadêmicas e o baixo rendimento médio revelado pelos alunos na disciplina Língua Portuguesa. Discutem-se as causas deste descompasso, para, a seguir, proceder-se à análise crítica do papel que a universidade brasileira vem desempenhando na formação lingüística do professor de língua materna.

RICARDO STAVOLA CAVALIERE (LLP / UFF)

Pressupostos para o estudo histórico da pronúncia do português do Brasil

Os que estudam as bases fonéticas e prosódicas do português do Brasil facilmente conseguem identificar os falares regionais em face de um padrão urbano que se vem disseminando pelas principais regiões metropolitanas do País, sobretudo devido à força universalizadora e homogeneizadora do rádio e da televisão. No entanto, ao confrontar essa modalidade genérica com as variantes regionais, via de regra atribui-se maior ênfase aos fatos fonêmicos, em detrimento dos fatos prosódicos, não obstante as distinções mais evidentes hoje pareçam estar justamente nesses últimos. Com efeito, pouco se diz acerca das variantes prosódicas decorrentes de fatores supra-segmentais, como a quantidade vocálica e o acento, que em múltipla combinação, criam padrões mais marcantes do que os de ordem fonêmica. Este texto busca estabelecer uma estratégia de pesquisa sobre as variáveis da pronúncia brasileira, de tal sorte que se possa explicar as causas dessa diversidade tanto no plano fonêmico quanto no prosódico.

MARIA EMÍLIA BARCELLOS (UERJ / UFRJ)

De Amadeu Amaral, o saber pluralizado

A apresentação tratará de uma abordagem sucinta da vida e obra de Amadeu Amaral, destacando a sua importância para a inauguração de novas linhas de estudo no Brasil, especialmente no que se refere à Dialetoлогия. Desenham-se, nesta oportunidade, as faces literária e jornalística desse autor, que, pela sua incessante busca científica foi “um universitário” quando não havia ainda universidades no País e, por seu fazer múltiplo, comportou-se como um verdadeiro semeador dos caminhos a trilhar pela intelectualidade nacional.

Sessão 4 – Temas: Lingüística Portuguesa

JORGE MORAIS BARBOSA (Univ. de Coimbra, PT)

A Lingüística e o ensino da língua portuguesa em Portugal

Não se pretendendo aqui historiar o ensino da língua portuguesa nas escolas, porque tal não seria relevante no âmbito deste colóquio, mencionar-se-ão as grandes linhas que o informaram até meados do século XX: ele visava a aquisição pelos alunos de um saber dirigido para a prática correcta da comunicação, sobretudo escrita mas também oral.

A partir de certa altura, especialmente dos anos setenta daquele século, tal concepção do ensino da língua portuguesa veio a ser substituída por propósitos de reflexão metalingüística mal orientada, a qual teve desastrosas conseqüências no “saber fazer” dos alunos. A isso acresceu o predomínio da pedagogia sobre a matéria a que deveria aplicar-se, e de tudo resultaram evidentes prejuízos, ainda não de todo sanados.

Embora a situação esteja hoje em vias de retornar, creio que se não conseguiu até agora o justo equilíbrio entre os ensinamentos da lingüística e as necessidades de um ensino eficaz da língua.

Se é certo que, de qualquer modo, continua predominando no ensino do português a gramática tradicional, coloca-se a questão de saber o que pode ser mais apropriado no estado atual das coisas: se partir da lingüística para a gramática, se desta para aquela.

JEAN-MICHEL MASSA (Univ. de Rennes, FR)

Lusografia africana

A base do presente trabalho são as nossas pesquisas sobre a África de língua portuguesa e os três dicionários que publicamos nos últimos anos sobre as peculiaridades da língua portuguesa escrita, repito escrita, na Guiné Bissau, em São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. São também dicionários enciclopédicos. A análise lingüística, cultural, literária permitiu também esclarecer diferenças notáveis entre os referidos países, os Cinco domo se chamam definição que preferem a PLOP. Atualmente preparamos um quarto dicionário sobre Moçambique, e, se Deus quiser, depois um quinto sobre Angola.

O ponto de partida da nossa pesquisa baseia-se num paralelismo entre o itinerário do Brasil do século XIX e o da África portuguesa, ambos independentes. Nasceu a afirmação de uma diferenciação lingüística em relação à Metrópole. A partir de alguns exemplos e em aplicação duma política lingüística ou ausência de política, de preferências dos escritores, da presença ou ausência

de crioulo, de línguas africanas, de gíria etc... vamos procurar definir algumas características próprias à África e esboço de tipologias, delinear alguns aspectos da Língua Portuguesa nesses países.

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO (LLP / UERJ / UFRJ)

A quem compete ensinar a leitura e a escrita?

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “Ao longo dos oito anos do ensino fundamental, espera-se que os alunos adquiram progressivamente uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado.” Objetivos tão ambiciosos não podem ser alcançados em tão pouco tempo, e muito menos nos limites de uma dada área de conhecimento – no caso, a língua portuguesa e as respectivas literaturas – porque a “solução dos problemas da vida cotidiana, o acesso aos bens culturais e a participação plena no mundo letrado” resume tudo que se espera da educação formal ao longo da vida de uma pessoa. A recepção de informações e sua transformação em conhecimento se processam como aperfeiçoamento de nossas capacidades de compreensão e de expressão, de nossas habilidades de penetrar nos textos alheios e de construir os próprios textos. A leitura e a expressão são habilidades que embasam e permeiam a construção do conhecimento em todas as áreas do saber. Historiadores, geógrafos, matemáticos, biólogos, astrônomos, arquitetos, filósofos, cronistas esportivos, teólogos, antropólogos, juristas, políticos, economistas etc., etc. só se destacam/destacaram nas respectivas áreas e desfrutam de prestígio na sociedade em geral porque foram/são bons leitores e estavam/estão aptos a expressar o que pensavam/pensam e sabiam/sabem com desenvoltura, clareza e propriedade verbal. Por isso, é imprescindível que em todas as disciplinas que dependem da leitura de textos os professores orientem seus alunos na leitura, comentem o vocabulário pertinente à respectiva área de conhecimento, analisem os procedimentos com que o autor sustenta um ponto de vista ou assegura legitimidade às informações que difunde. Propiciar o desenvolvimento intelectual, emocional, político, técnico e cultural dos estudantes, mediante atividades orientadas de leitura e de expressão, é tarefa da escola como um todo e, portanto, de todos os professores.

ROSALVO DO VALLE (LLP / UFF)

A disciplina História da Língua Portuguesa em debate

A disciplina Língua Portuguesa, no curso superior de Letras, desde os anos sessenta, privilegia os estudos descritivos, de natureza sincrônica, com quase total esquecimento dos estudos históricos, de natureza diacrônica. A moderna orientação lingüística substituiu a antiga, filológica, considerada “tradicional”, até então hegemônica. Observam-se, porém, por volta dos anos oitenta, sinais de renascimento dos estudos diacrônicos, aqui e em Portugal, segundo modelos estruturais, e ultimamente gerativistas, com a incorporação de enriquecedoras conquistas da Sociolingüística. Este promissor ressurgir dos estudos diacrônicos revela que, afinal, parece “ultrapassada e superada a incompatibilidade entre sincronia e diacronia”. E põe-se a questão, fundamental, que nunca devera ser esquecida: a língua é um objeto histórico e, como tal, é ao mesmo tempo permanência e mudança – na verdade, uma “permanência” dinâmica e uma inelutável mudança.

Dia 30 de março (quarta-feira)

Sessão 5 – Tema: Língua e cultura

MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA (LLP / UFF)

Crítica Textual – matéria básica na formação dos pesquisadores e professores de Letras

Apresenta o autor, após uma série de considerações sobre a importância e o alcance das atividades compreendidas no âmbito da Crítica Textual, as razões pelas quais no seu entender é absolutamente incompreensível que as instituições de ensino e pesquisa de letras, com raras e honrosas exceções, não incluam em seus currículos de graduação e de pós-graduação esta disciplina básica no grupo das obrigatórias, sendo ela indispensável como um valor em si mesma e como auxiliar dos estudos de língua e literatura, a que presta relevantes serviços, principalmente através das boas edições e edições críticas e comentadas já publicadas até agora pelos nossos filólogos. Vale-se o autor da sua experiência de professor de Língua Portuguesa e de Crítica Textual na Universidade Federal Fluminense, de 1957 a 1989, da sua experiência posterior no Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, até a presente data, e da sua experiência de preparador e editor de textos, para demonstrar como é de extrema utilidade aos alunos do curso de Letras o conhecimento dos princípios e da prática da Crítica Textual, que os habilita para o desempenho de outras tarefas além das do magistério, como as de revisores críticos, preparadores de originais para o trabalho de editoração e preparadores de textos, de que tanto necessita o mercado editorial.

SEBASTIÃO TAVARES DE PINHO (Univ. de Coimbra, PT)

Língua e cultura latinas na obra de Manuel Bandeira

A presença da cultura clássica greco-latina na obra de Manuel Bandeira é de uma singular e extrema evidência e assume um particular significado e interesse para a sua devida análise e segura crítica literária. Tal presença não é apenas de carácter histórico, mitológico ou de conteúdo literário ou retórico. É também de âmbito linguístico. O conhecimento do grego e do latim, que ele havia adquirido durante a sua formação humanística no Colégio Pedro II, permitiu-lhe a leitura directa das fontes fundamentais da cultura ocidental e extrair delas uma vasta e rigorosa informação e um domínio linguístico de que se serviu largamente na própria criação literária.

No que toca à língua de Homero, lembremos que Bandeira confessa que o verso que lhe ficou indelevelmente gravado na memória e que o perseguiu a vida inteira foi haurido num dos mais belos passos da *Ilíada*, por ele citado em grego; e que o topónimo Pasárgada, de tão feliz fortuna dentro da sua inspiração poética, foi colhido na leitura e no estudo de textos gregos, como ele revela. Desta influência helénica na obra do nosso Poeta já tivemos oportunidade de escrever em outra ocasião e lugar.

Nesta comunicação pretendemos falar acerca da sua formação latina, que não foi menor, e da influência que também esta exerceu na sua escrita. O bom conhecimento do latim demonstrado por Bandeira possibilitou-lhe a sua utilização para variados efeitos de erudição, na correspondência e sobretudo nas crónicas, com o frequente recurso a vocabulário latino quer em expressões e fraseologia de aplicação prática, quer no uso e transcrição de textos latinos clássicos, medievais e bíblicos para fins de crítica literária, quer ainda em comentários de rigorosa análise linguística que revelam uma especial preocupação filológica por parte do poeta de Pasárgada. Mas a presença de latinismos e da própria língua latina revela-se também no campo da teoria e da criação poéticas, como acontece, por exemplo, com o conceito de “ritmos inumeráveis” no poema “Poética” do livro *Libertinagem*, ou o título da colecção de poesias “Ritmo Dissoluto”, e com certo vocabulário particularmente expressivo de configuração latina no poema “Cântico dos Cânticos”.

TEREZINHA DA FONSECA PASSOS BITTENCOURT (LLP / UFF)

Estrangeirismos: questão lingüística e ideológica

Tratar do tema relativo aos empréstimos lingüísticos implica necessariamente invadir dois campos que se devem manter bem distintos: o campo da ideologia e o campo da ciência. Por envolver questões de natureza ideológica e questões de

natureza lingüística, constitui-se em verdadeira *vexata quaestio* quer para os usuários da língua quer para os que refletem acerca de seu uso, pois todos, falantes e lingüistas, se julgam com o direito legítimo de opinar acerca da linguagem. Decorrem daí as acusações inflamadas, quando se vai discutir o tema, de nacionalismos, xenofobias, purismos etc. O conflito coloca, de um lado, aqueles que julgam constituir enriquecimento para o idioma a incorporação de vocábulos oriundos de outras terras e, de outro, aqueles que julgam não apenas empobrecimento mas até ameaça à soberania nacional a circulação de termos não vernáculos. Ao ouvirem-se os argumentos apresentados pelas duas facções, tem-se a sensação de que ambas estão corretas em seus pontos de vista, embora as razões apresentadas para sua defesa sejam diametralmente opostas.

Neste trabalho, pretendemos discutir a questão dos estrangeirismos, considerando as duas perspectivas, que, a rigor, consubstanciam a visão do falante – ponto de partida de qualquer explicação acerca da linguagem – e a visão do lingüista – ponto de chegada da referida explicação –, a fim de tentar desfazer a aparente contradição estabelecida entre os dois pontos de vista.

Sessão 6 – Tema: Língua e cultura

DINO PRETI (PUC-SP / USP)

A variação lingüística: contribuições da Sociolingüística para o ensino da língua

A palestra trata da variação lingüística, situando-a, de início, no plano histórico, para mostrar que, já na antiguidade clássica, mencionava-se o problema, embora sob um enfoque retórico, estilístico, literário.

Em seguida, examina-se a posição de Saussure, lembrando suas idéias a respeito das relações língua e sociedade e acentuando a posição de outros lingüistas da época (Meillet e Bakhtin, por exemplo).

Passa-se, então, aos primeiros autores da Sociolingüística, mostrando como viam a influência dos fatores sociais sobre a língua.

Num segundo momento, mostra-se como essas idéias influenciaram os pesquisadores brasileiros e o resultado de sua chegada ao ensino, no curso secundário.

Por último, fala-se sobre a equivocada aplicação das teorias lingüísticas ao ensino, que levaram à classificação de variantes lingüísticas de menor prestígio social como formas incorretas, desconsiderando-se os fatores sociais que incidem sobre elas e a própria situação de comunicação em que são usadas.

MAURO VILLAR (ABF / IAH)

Lexicografia de corpus, frasemas, pragmatemas e a dicionarística contextualista

Sabe-se hoje que as palavras associam-se no discurso em seqüências combinatórias restritas e preferenciais que funcionam como elementos pré-fabricados – os frasemas, semifraseas e pragmatemas. Sabe-se também que as unidades léxicas descritas pelos dicionários têm muito menos sentidos do que geralmente eles assinalam. A lexicografia de *corpus* veio trazer luz sobre estes e outros fenômenos alterando a forma de registrar as palavras para a feitura de dicionários mais eficazes e corretos. Mas como andam os nossos dicionários?

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO (ABF / UERJ / UFRJ)

Literatura e ensino da língua portuguesa

Considerando-se que a filologia é o estudo da língua como instrumento de uma literatura, a conferência pretende defender a tese de que há uma relação de intersecção entre a língua e a literatura nela expressa, de tal forma que a crítica filológica e a crítica literária são, necessariamente, complementares. De forma objetiva e comprobatória da tese, será analisado um poema de um autor angolano e um poema de um autor brasileiro, para demonstrar que a implantação da Língua Portuguesa em Angola e no Brasil seguiu caminhos diferentes. O texto, portanto, insere-se no tema geral do Colóquio *A Língua Portuguesa no Mundo da Lusofonia*. E defende a idéia de que o ensino da língua deve ser feito a partir de textos literários, preferencialmente.

Dia 1º de abril (sexta-feira)

Sessão 7 – Tema: Vida e obra de Mattoso Câmara Jr.

NILDA CABRAL (LLP / UFF)

Variação e variantes nas edições de Princípios de Lingüística Geral, de Mattoso Câmara Jr.: questões filológicas e lingüísticas

O pressuposto que norteou a proposta de preparação e organização de uma edição crítica e comentada de *Princípios de Lingüística Geral*, de Mattoso Câmara Jr. foi o de que a aplicação do método e das técnicas da Crítica Textual a textos não literários, como os textos de natureza científica, não só figura entre suas tarefas fundamentais, mas também confirma seu papel interdisciplinar entre as ciências. Valendo-se delas para a consecução do seu objetivo final de

editoração crítica, a elas oferece esse seu produto derradeiro, como uma nova e instigante fonte para investigações particulares e específicas.

A sistematização filológica proposta, que registra rigorosamente as muitas modificações textuais nitidamente apreensíveis no percurso editorial de *Princípios*, se por um lado favorecerá a compreensão da evolução do pensamento lingüístico de Mattoso Câmara, por outro, em virtude do papel privilegiado que o autor e sua obra ocupam na bibliografia de Língua Portuguesa das ciências da linguagem, contribuirá certamente de forma ímpar para a compreensão e o registro mais exatos das condições concretas da origem e divulgação acadêmica dos princípios da lingüística geral entre nós e da renovação que promoveu nos estudos e no ensino de nossa gramática.

O exame das mudanças introduzidas em *Princípios*, das quais apresentamos aqui apenas uma brevíssima amostragem, permitem algumas considerações sobre o processo de construção dessa obra.

HORÁCIO ROLIM DE FREITAS (LLP / UERJ)

Os estudos de Morfologia na obra de Mattoso Câmara

A obra de Mattoso Câmara se destaca pela constante renovação das idéias aplicadas aos estudos de vários campos da língua portuguesa, aliada a um domínio ímpar de bibliografia especializada, propiciando ao autor contribuir para um conhecimento preciso do sistema de nosso idioma. É notória a ampliação feita por Mattoso Câmara do critério de Bloomfield entre formas livres e formas presas, a que Mattoso acrescentou formas dependentes.

Na análise mórfica nominal, nenhum outro critério proposto superou ou retificou o enfoque lingüístico das categorias de gênero e número descritas por Mattoso Câmara. Já em *Princípios de Lingüística Geral*, apresentou uma visão estruturalista na formação de gênero, demonstrando serem pífios os critérios antes utilizados, tanto o *vital*, dividindo os seres em animados e inanimados, como o *peçoal*, separando pessoas e coisas, e o *sexual*, criando o gênero masculino e feminino.

Na análise mórfica verbal destacou a importância real do reconhecimento da vogal temática dentro do sistema atual da língua, sem ilações históricas, como fazia a gramática tradicional. Demonstrou pertencerem à mesma conjugação os verbos *ter*, *pôr* e *vir*.

Também na formação parassintética não espousa o critério ainda hoje aplicado por muitos autores que incluem nesse processo palavras como *aclarar*, *aterrar*, *embarcar*, por não apresentarem realmente dois afixos derivacionais.

Destaca uma visão sincrônica no processo de aglutinação, só levando em conta as palavras em que se possam deprender as formas aglutinadas. Caso contrário, tratar-se-á de vocábulo primitivo.

VALTER KEHDI (USP / ABF)

A sintaxe de J. Mattoso Câmara Jr.

Embora claramente estruturada e operatória, a sintaxe mattosiana permanece praticamente desconhecida em nossos meios acadêmicos.

É nosso objetivo, aqui, apresentar os aspectos centrais (com a respectiva articulação) dessa sintaxe, ressaltando as influências de G.Gougenheim, F.Brunot, H.Keniston e, sobretudo, F.Mikus.

Esperamos, assim, contribuir para que se tenha uma visão mais abrangente das investigações lingüístico-gramaticais do autor.

Sessão 8 – Tema: Vida e obra de Mattoso Câmara Jr.

MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA (LLP/ UFF)

Lembranças do convívio com o Prof. Matoso Câmara

O autor registra num singelo depoimento como conheceu pessoalmente em 1948 o professor Joaquim Mattoso Câmara Júnior, na condição de aluno-ouvinte da pequena turma de dois alunos regulares apenas do Curso de Letras Clássicas da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no exato momento que assinala o retorno do grande lingüista e filólogo ao ensino universitário, continuando em sua trajetória de pioneiro no trabalho de apresentar e difundir no Brasil os fundamentos da teoria da linguagem e a aplicação dos mesmos aos estudos superiores de Língua Portuguesa. Aponta ainda o autor como uma das características marcantes da atuação magisterial de Mattoso Câmara a sua preocupação de acompanhar e incentivar o progresso dos seus antigos alunos, alguns dos quais, trabalhando com ele mais de perto, puderam testemunhar o que foram as suas modelares atividades docentes e as atividades que desenvolveu incansavelmente de pesquisador e divulgador não apenas dos seus próprios estudos de lingüística geral e de Língua Portuguesa, mas também dos estudos mais importantes realizados no país e no estrangeiro.

CARLOS EDUARDO FALCÃO UCHÔA (LLP / UFF)

Mattoso Câmara e o ensino da Língua Portuguesa

O ensino da Língua Portuguesa manifesta-se como uma preocupação na bibliografia de Mattoso Câmara. As suas obras didáticas: alguns comentários selecionados. O posicionamento do lingüista brasileiro em relação a alguns problemas centrais do ensino língua, explicitado em alguns de seus ensaios. Os objetivos fundamentais do ensino do idioma na sua visão.

ROSALVO DO VALLE (LLP / UFF)

Mattoso Câmara e a História da Língua Portuguesa

O Professor J. Mattoso Câmara Jr. (1904-1970) tem inquestionavelmente um lugar especial e definitivo na historiografia lingüística luso-brasileira, além de outros títulos na área das ciências da linguagem, por ser o introdutor do estruturalismo lingüístico no Brasil, e o “inaugurador do ensino da lingüística geral” em Portugal. No magistério superior de Lingüística e de Língua Portuguesa, bem como no ensino médio de Português, sempre foi um pioneiro e um inovador, preocupado com novos conceitos teóricos e metodológicos.

Como sincronista, estabeleceu critérios seguros para a descrição gramatical do português, intimamente associada à lingüística sincrônica; como diacronista deixou muitos trabalhos sobre a história externa e a história interna da língua, os quais, afinal, se consolidaram na *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, sua última obra e primeira em Língua Portuguesa em moldes estruturais. Com a publicação dos *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.*, agora em 3ª edição revista e ampliada, organizada por Carlos Eduardo Falcão Uchôa, seu discípulo e primeiro assistente, tornou-se mais fácil estabelecer o *corpus mattosianum* sobre a história da Língua Portuguesa.